



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS (CCI)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

WESLANE ALVES RODRIGUES

**O PATRIARCADO E OS EFEITOS DE SENTIDO NOS VOCÁBULOS
“CACHORRA”, “PIRANHA” E “BURRA”**

ARAGUAÍNA, TO

2024

WESLANE ALVES RODRIGUES

**O PATRIARCADO E OS EFEITOS DE SENTIDO NOS VOCÁBULOS
“CACHORRA”, “PIRANHA” E “BURRA”**

Monografia avaliada e apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins, UFNT – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, como requisito obrigatório para aprovação na disciplina de TCC II.

Orientador: Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira Andrade.

ARAGUAÍNA, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT



Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R696p Rodrigues, Weslane Alves.

O PATRIARCADO E OS EFEITOS DE SENTIDO NOS
VOCÁBULOS “CACHORRA”, “PIRANHA” E “BURRA” / Weslane
Alves Rodrigues. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.
27 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Letras - Português) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientador: Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira Andrade.

1. Linguagem. 2. Patriarcado. 3. Opressão.

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


WESLANE ALVES RODRIGUES

**O PATRIARCADO E OS EFEITOS DE SENTIDO NOS VOCÁBULOS
“CACHORRA”, “PIRANHA” E “BURRA”**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus de Ciências Integradas, Curso de Letras/Português, para obtenção do título de Licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.


Data de aprovação: 03 de dezembro de 2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ ROBERTO PEEL FURTADO DE OLIVEIRA ANI**
Data: 16/12/2024 21:32:37-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>


Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira Andrade

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ISABEL DELICE GOMES MACEDO**
Data: 17/12/2024 09:52:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Mestre Isabel Delice Gomes

Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **MISLEINE ANDRADE FERREIRA PEEL**
Data: 17/12/2024 15:45:31-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. Misleine Andrade Ferreira Peel

Examinadora

Araguaína/2024

O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso. (Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu gentil orientador Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira Andrade, que, mesmo percebendo minhas inseguranças, ainda assim, acolheu minha ideia com entusiasmo e, com sua incomensurável sabedoria, incentivou-me, fornecendo a base necessária para a construção e fundamentação deste trabalho.

Agradeço e dedico ao meu amado filho, Álvaro Guilherme L. Rodrigues, motivo de minha felicidade, meu maior incentivador, que lidou compreensivelmente com minha ausência enquanto me dedicava a realização deste trabalho.

Dedico a minha amada avó, Joana Araújo (*in memoriam*), pelo exemplo de coragem e simplicidade, e por me ensinar a resistir e a lutar por meus sonhos.

Dedico também ao meu amado pai, Raimundo Rodrigues (*in memoriam*), por ver valor intelectual em mim, dando-me a base educacional, sonhando os meus sonhos e me impulsionando a prosseguir em dias difíceis.

Agradeço e dedico a minha família, mãe Ivanete, minha irmã Wesleide e Minha sobrinha Anna Beatriz, por serem para mim rede de apoio, amparo em dias de desânimo e sem a quais este trabalho não seria possível.

Agradeço ao meu querido amigo, Prof. Me. Davi Gomes, que incentivou, deu dicas e me auxiliou na construção deste trabalho, a quem a Linguagem me uniu e frutificou em conversas e reflexões que auxiliaram no meu desenvolvimento como cidadã e profissional.

Agradeço ao meu amável primo, Prof. Jardel William, que, mesmo distante, acolheu minhas agruras, lembrando a beleza da linguagem por meio de seus escritos, motivando-me e auxiliando-me sempre que precisei.

Agradeço as minhas queridas professoras Janete Santos e Luiza Helena, bem como ao estimado professor Carlos Borges, por despertarem em mim a percepção do todo social e, em suas respectivas disciplinas, por me apresentarem autores que me fizeram refletir sobre o poder das palavras e sobre a força da linguagem.

Agradeço ainda a todas as professoras e aos professores da graduação, pelos ensinamentos que me permitiram evoluir no processo de formação.

Por fim, agradeço e dedico aos colegas, mas principalmente às amigas e aos amigos da graduação, pelo apoio e por dividirem comigo as doçuras e agruras de todo o processo, sem eles este trabalho não existiria.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo principal expor como o patriarcado exerce a manutenção de seu poder por meio da utilização de vocábulos zoomórficos, utilizados pejorativamente na linguagem, para promover a depreciação, desmoralização e assim descredibilizar o feminino. Para tanto, na presente pesquisa, utilizamos, como aporte teórico que expressam acerca da temática supracitada, Mikhail Bakhtin (2004;2006), Simone de Beauvoir (2019); Gerda Lerner (2019); Monique Wittig (2022); Margareth Rago (2020) e Ludwig Wittgenstein (1979). Nosso intento é mobilizar e discursivizar sobre o patriarcado e sobre os efeitos de sentido nos vocábulos “cachorra”, “piranha” e “burra”. No Brasil, os termos “cachorra” e “piranha” são utilizados para desqualificar exclusivamente a sexualidade feminina, fixando-a como uma conduta inaceitável. Por outro lado, o vocábulo “burra” é utilizado para colocar à prova a capacidade intelectual das mulheres, perpetuando a ideia de que são intelectualmente incapazes e incompetentes. Assim, adotamos uma abordagem documental com caráter bibliográfico. A coleta de dados foi realizada por meio da seleção de dois dicionários online de Língua Portuguesa, construindo a base para a análise proposta. Posteriormente, verificamos que a utilização dos termos elencados invalida e silencia as vozes dissidentes, propiciando que o patriarcado exerça sua manutenção e perpetue a opressão e o seu poder por meio da linguagem. Portanto, refletir criticamente acerca da disseminação desses vocábulos auxiliará na desconstrução desses estereótipos, promovendo uma sociedade mais equânime.

Palavras-chaves: Linguagem. Patriarcado. Opressão.

ABSTRACT

This article's main objective is to expose how patriarchy maintains its power through the use of words, appreciated in zoomorphization and used pejoratively in language, to promote depreciation, demoralization and thus discredit the feminine. To this end, in this research, we used theoretical support expressed on the aforementioned theme, such as: Mikhail Bakhtin (2004;2006), Simone de Beauvoir (2019); Gerda Lerner (2019); Monique Wittig (2022); Margareth Rago (2020) and Ludwig Wittgenstein (1979), to mobilize and discuss patriarchy and the effects of meaning in the words “dog”, “piranha” and “dumb”. In Brazil, the terms “dog” and “piranha” are used to exclusively disqualify female sexuality, defining it as unacceptable conduct. On the other hand, the word “dumb” is used to test their intellectual capacity, perpetuating the idea that they are intellectually incapable and incompetent. Therefore, we adopted a qualitative approach with a bibliographic character. Data collection was carried out through the selection of two online Portuguese language dictionaries, building the basis for the proposed analysis. In the end, it was found that the use of the terms listed invalidates and silences dissenting voices, allowing patriarchy to maintain itself and perpetuate oppression and its power through language. Therefore, critically reflecting on the dissemination of these words will help to deconstruct these stereotypes, promoting a more equitable society.

Keywords: Language. Patriarchy. Oppression.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A INVENÇÃO DO PATRIARCADO: LINGUAGEM, GÊNERO E DISCURSO	12
3. JOGO DE LINGUAGEM E OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS	17
4. “CACHORRA”, “PINHARA” E “BURRA” E OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

Debate-se muito, correntemente, a respeito dos modos de coerção social. Dentre tantas possibilidades de análise, destaca-se o patriarcado, que exerce a dominação sobre a mulher e sobre outros grupos não masculinos, ditando normas de conduta culturais e sociais. Essa manipulação se efetiva na ideia de que o masculino é mais importante em detrimento dos direitos femininos, perpetuando as desigualdades de gênero e confirmando, assim, que esse sistema é uma forma de opressão, utilizada principalmente para manter a sujeição do feminino,

“a sociedade codificada pelos homens decreta que a mulher é inferior” (Beauvoir, 2019, p. 542).

As instâncias em que o patriarcado impõe sua supremacia, perfazem a política, a economia, a cultura e a família. Esse sistema visa promover a prévia delimitação de papéis que cada grupo possa vir a executar dentro da sociedade. Para que isso seja possível, trabalham de forma sincrônica, operando nos espaços de poder, para que estes sejam majoritariamente ocupados por homens, com o propósito de coibir o grupo subordinado a aceitar o papel que lhe é imposto, o de prestadoras de serviço gratuito. Como afirma Beauvoir (2019):

Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala: os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap* [...]; esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. (BEAUVOIR, 2019, p. 17).

Um dos meios pelos quais o sistema patriarcalista exerce o seu poder, mas que normalmente não é enfatizado, é a manipulação psicológica exercida através da linguagem. Em uma sociedade verbal como a brasileira, a palavra é fundamental e se torna uma ferramenta poderosa de dominação, sendo moldada para refletir as organizações hierárquicas predominantemente ocupadas por homens e em que a mulher é constantemente deslegitimada e coibida a agir com comportamentos pautados pelo consenso moral masculino. Nesse sentido, Bakhtin (2004) assevera que “a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”. Mais adiante ele enfatiza: “A entonação expressiva da modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciado, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada, afetam a significação” (Bakhtin, 2004, p. 15).

Discorreremos, então, sobre a invenção do patriarcado, sobre sua dimensão e sobre sua atuação na sociedade por meio do funcionamento da linguagem na construção social do gênero feminino; pois seu funcionamento nas práticas sociais e seus efeitos discursivos evidenciam a perpetuação de poder do masculino. Desse modo, vamos pontuar o patriarcado desde as primeiras manifestações de dominação sob o feminino e as suas reverberações na idade média, moderna e contemporânea. Para pontuar historicamente sobre o patriarcado, vamos revisitar o livro *A criação do patriarcado* (2019), de Gerda Lerner, para entender como se dá esse processo sócio-histórico, bem como outros textos que discursaram sobre a temática.

Desse modo, levando em consideração esses aspectos, trabalhamos com uma pesquisa bibliográfica e documental para analisar as configurações dos termos “cachorra”, “piranha” e “burra”, dentro de uma perspectiva da lexicografia e da filosofia da linguagem, para demonstrar como os sentidos influenciam, e ainda determinam, os lugares sociais dos indivíduos do sexo feminino na sociedade.

Desse modo, este artigo está dividido em três seções: na primeira parte, abordamos sobre a invenção do patriarcado, sobre seus mecanismos de funcionamento na sociedade patriarcal, sobre o silenciamento feminino e sobre a negação do conhecimento para esse grupo social; na segunda seção, discorreremos sobre os jogos de linguagem e sobre a sua operacionalização nas práticas sociais por meio dos discursos; e, na finalização deste trabalho, tecemos alguns apontamentos analíticos sobre os vocábulos elencados e sobre seu funcionamento quando direcionados ao gênero feminino.

2. A INVENÇÃO DO PATRIARCADO: LINGUAGEM, GÊNERO E DISCURSO

Produzir discursos é uma questão que demanda conhecimento linguístico e técnico de uma determinada língua; assim, faz-se necessário entender as normas que regem a língua e seu campo de atuação, para que possamos produzir falas que sejam eficientes e efeitos de sentidos que promovam e não segreguem determinados grupos sociais em detrimento de outros.

Principiemos, agora, nossas investigações acerca da criação do patriarcado, que possui raízes muito antigas; como nos salienta Lerner (2019), inicialmente, o patriarcado apareceu como estado arcaico, tendo suas regras e seus valores sido fixados em um período no qual as mulheres eram tomadas como moeda de trocas, com todos seus direitos cerceados; eram, de fato, objetos de uso para o deleite e para o prazer da população masculina patriarcalista. Nesse primeiro momento que remonta a idade média, Lerner (2019) assevera que

[as] próprias mulheres tornaram-se um recurso adquirido por homens tanto quanto as terras adquiridas por eles. Mulheres eram trocadas ou compradas em casamentos para benefício de suas famílias. Depois, elas foram dominadas ou compradas para a escravidão, quando seus serviços sexuais eram parte de sua mão de obra e seus filhos eram propriedades de seus senhores. Em toda sociedade conhecida, as mulheres das tribos conquistadas eram escravizadas primeiro, enquanto os homens eram mortos. Somente depois que os homens aprenderam a como escravizar as mulheres dos grupos que podiam ser definidos como estranhos é que eles aprenderam a escravizar os de sua organização família patriarcal [...]. (LERNER,2019, p. 461)

Assim, fica nítido que a formação da sociedade está atrelada à construção social do gênero e à sua segregação desde a sua criação enquanto polis. Dessa forma, a escravidão de mulheres, combinando tanto o racismo quanto o machismo, precedeu a formação e a opressão de classes. As diferenças de classes foram, em seu início, expressas e constituídas em termos de relações patriarcais. A classe não é um constructo separado do gênero. Em vez disso, a classe é expressa em termos relacionados ao gênero.

Judith Butler (2023) alude que a construção da identidade de gênero está extremamente ligada à construção social dos sujeitos e que é a sociedade que determina os espaços de dominação, assim a autora assegura que:

[...] sexo e gênero atendem à tese de que, por mais que o sexo parece intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto ao sexo. (BUTLER, 2023, p.26)

Assim, entendendo a construção do gênero como um constructo social de linguagem e dominação, é nítido que os espaços de segregação a que os sujeitos não masculinos foram alocados são construções espaciais e temporais no meio social por intermédio do exercício de poder do viés patriarcal. Tais construções são naturalizadas diante da força discursiva que exerce o poder masculinizado, uma vez que o conhecimento foi negado à mulher, que só era visualizada e reconhecida pelo viés do masculino, que dava um nome e uma pretensa proteção e/ou subordinação. Butler (2023) assevera que essa naturalização possui aspectos políticos de exclusão e silenciamento, assim a autora alude que:

Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento. (BUTLER, 2023, p.19)

Desde a Lei de Hamurabi, as mulheres vêm sofrendo segregação e dominação masculina, seja no meio social ou na vida privada; e, em relação ao viés conjugal, a mulher sempre foi objeto de dominação do homem (esposo), que a compensava no viés patriarcal com prestígio social, em troca teria sua subordinação em questões sexuais e serviços. Lerner (2019) chama a atenção para esse fato ao assegurar que:

As obrigações rigorosas das mulheres em relação a marido e filhos na Lei de Hamurabi e na Lei Hebraica podem, assim, ser vistas como um fortalecimento da família patriarcal, o que depende da cooperação voluntária das esposas em um sistema que lhes oferece benefícios de classe em troca de sua subordinação em questões sexuais. (LERNER,2019, p.267)

Para pensar essa construção do gênero pelo campo da linguagem vamos navegar nas malhas teóricas da pragmática filosófica, analisando os conceitos discursivos do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), que concebe o significado da gramática a partir do ponto de vista histórico e pragmático, e que se apropria da palavra para produzir sentidos do ponto de vista filosófico, em que a palavra não é vazia e sem sentido, mas opera em uma continuidade e descontinuidade no percurso do tempo. Na esteira de Mauro Lúcio Condé, ao abordar relatividade do tempo e do período histórico, alude o que segue:

Relativismo seria se esse tempo histórico fosse absolutamente fechado em si, isto é, relativo a si próprio, sem conexões com seu passado, presente e horizonte de futuro

ou ainda a qualquer contato com outras culturas e sociedades. Mas basta uma primeira análise de qualquer história para vermos que sempre há continuidades e rupturas em qualquer tempo histórico que, assim, se conecta não apenas com a sua própria história, mas abre uma porta para se conectar com outras histórias, com outras sociedades. (CONDÉ, 2018, p.3)

Desse modo, os discursos em conexão com o passado e com o presente, operam significação quando em uso, em um determinado tempo e sociedade. Assim, Wittgenstein alude que “o significado de uma palavra é seu uso na linguagem” (Wittgenstein 1979 [1953], p. 43). Partindo dessa premissa, a linguagem é o mecanismo que, operacionalizado pelo tempo, assume várias significações dentro de uma determinada comunidade de falantes, a exemplo do *corpus* desse trabalho que, na sociedade atual, veicula como dispositivo que, a depender do momento em que se fala (enunciação), pode reverberar significados outros.

Wittgenstein (1979), em sua pragmática da linguagem, afirma que a linguagem só existe por meio de práticas sociais da gramática e dos efeitos de sentidos, dessa interacionalidade, para poder existir. Para o autor, existe um jogo de linguagem em uso, ou seja, é necessário que essa construção de significado esteja inserida, em um determinado tempo e espaço de uso dessa linguagem, como construção de regras da língua para obter o *status* de funcional e do qual o teórico postula como “similaridade”, ou seja, pode haver uma “família de semelhanças” dos usos da linguagem em determinados contextos.

Destarte, a pragmática da linguagem é envolvida no “jogo de linguagem” do qual postula Wittgenstein (1979), porque existe uma prática social que evidencia uma formulação das regras gramaticais que regem uma sociedade, mas que essas regras só podem ter seu sentido amplo quando em funcionamento coexistirem com práticas sociais em um jogo de linguagem e significação, do qual o autor postula, ao salientar que, “se o que é regra se torna exceção e a exceção, regra; ou se as duas se tornassem fenômenos de frequência mais ou menos igual –, então nossos jogos de linguagens normais perderiam seu sentido” (Wittgenstein 1979 [1953], p. 142).

Ainda sobre a constituição filosófica da linguagem, Wittgenstein (1979) distingue dois níveis de gramática, uma “gramática da superfície” – onde a gramática de superfície aborda as características específicas de expressões sem ter em conta o contexto gramatical e social geral em que essas expressões são geradas; e uma “gramática profunda”, uma gramática na qual as regras do uso da linguagem são engendradas em sua relação com todo o conjunto de regras. Por fim, gramática para Wittgenstein (1979) se constitui como uma forma de vida para uma determinada sociedade.

Assim, Wittgenstein (1979) constitui um jogo de linguagem que ele delimita como espaço/tempo da duração de uma significação de termos, ordenamentos e enunciados, e de como esses termos sofrem mutações ao longo do tempo. Termos que na sociedade vigente assumem um significado pode ter tido outro no tempo passado, o que muda o tom da significação. Também alude às maneiras que determinados vocábulos são pronunciados, ou seja, desde a entonação da voz até as expressões faciais temos um jogo de linguagem funcionando para significar. Sobre isso o autor ilustra da seguinte maneira:

Imagine um jogo da linguagem na qual B informa a A, respondendo uma pergunta deste, o número de lajotas ou cubos de um monte, ou cores e formas das pedras espalhadas aqui e ali. – Tal informação poderia pois enunciar-se: “cinco lajotas”. Qual é pois a diferença entre a informação ou afirmação “cinco lajotas” e o comando “cinco lajotas!”? Ora, o papel que o pronunciar dessas palavras desempenha no jogo de linguagem. Mas também o tom que forem pronunciadas será outro, e a expressão facial, e ainda muitas outras coisas. Mas também podemos pensar que o tom é o mesmo – pois um comando e uma informação podem ser pronunciados em *muitos* tons diferentes e com muitas expressões faciais diferentes – e que a diferença reside somente no empenho. (WITTGENSTEIN, 1979, p.34)

Além do que estamos dizendo, a linha lexicográfica, por meio de questões que permeiam as construções lexicais como mecanismo extralinguístico, também afirma que os significados são construídos a partir do seu funcionamento na linguagem. Nesse sentido, Vilela (1994) alude que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a atividade extralinguística e que arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos, crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6)

Desse modo, o léxico das línguas naturais engloba todo o conhecimento que uma determinada comunidade de falantes tem sobre o mundo e seus modos de operar significação. O léxico é rotulado como nome, essas formas de nomes são chamadas de unidades lexicais, pois os nomes carregam consigo uma carga semântica de significação que faz parte de uma determinada comunidade em um recorte espaço-temporal; podendo, assim, remeter a diversos significados/realidades a depender de como o nome é empregado e em que tempo/espaço são agregados valores. Paula *et al.* (2016, p.13) asseveram que “um nome/signo pode ter uma significação geral e uma específica, a depender de diversos fatores, como o momento

histórico ou o contexto social em que for utilizado, constituindo um vocabulário correspondente a uma situação peculiar”.

Assim, entendemos que, em termos saussurianos, o léxico está para o paradigma por abranger combinações semânticas possíveis, enquanto o vocabulário está para o sintagma por se encontrar nos usos contextualizados e concretos na língua. Sobre essa construção Paula *et al.* (2016) aludem que:

Léxico está para o paradigma e para a língua, porque representa o arcabouço conceptual geral, as combinatórias semânticas possíveis como intentam registrar os produtos lexicográficos, tais que dicionários e glossários. O vocabulário, por outro lado, está para o sintagma e para o sentido por se encontrar nos usos contextualizados e concretos. Assim, o vocabulário é uma atualização das unidades lexicais possíveis e disponíveis no léxico geral, que se efetivam nas situações de comunicação em que são plenamente utilizadas, passando do abstrato e possível (léxico / unidade lexical) para o concreto e efetivamente em uso (vocabulário/lexia). (PAULA *et al.*, 2016, p.14)

Destarte, essa construção imbricada nos ancorará nas análises dicionarizadas dos vocábulos “cachorra”, “piranha” e “burra”, diferenciando como tais termos são empregados nos sentidos denotativo e conotativo, e que discursos de dominação são possíveis a partir da construção sintagmática das sentenças. Uma vez que as lexias se constituem de um todo de significados exercido por uma comunidade de falantes em um determinado espaço/tempo na construção histórica.

3. JOGO DE LINGUAGEM E OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS

Por jogo de linguagem, entendemos o funcionamento da linguagem em uso e seus desdobramentos de significação; assim, um jogo de linguagem é a maneira que um determinado termo assumi uma significação em uma determinada época e em uma dada sociedade. Para Wittgenstein (1979), o jogo de linguagem se constitui nas práticas sociais e na utilização de vocábulos em contextos variados, o que o autor exemplifica da seguinte maneira:

Na *práxis* do uso da linguagem um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas; na lição de linguagem, porém, encontrar-se-á esse processo: o que apreende *denomina* os objetos. Isto é, fala a palavra, quando o professor aponta para pedra. – Sim, encontrar-se-á aqui o exercício ainda mais simples: o aluno repete a palavra que o professor enuncia – ambos processos de linguagem semelhante.

Podemos também imaginar que todo processo de uso das palavras é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de “jogos de linguagem”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como um jogo de linguagem. (WITTGENSTEIN, 1979, p.30)

Desse modo, o jogo do qual se refere o autor é uma maneira de demonstrar que o jogo de linguagem é o seu funcionamento por meio da palavra e das significações que ela pode atribuir ou que podem a ela ser atribuídas em sociedade. Sabemos que as práticas de linguagem pelo viés social se dão por meio de um signo e de um significante, e que esses dispositivos estão a serviço de apresentar a língua e de como ela funciona sem se preocupar ou se ocupar tanto do processo da fala, que é o processo de enunciação.

O signo não é neutro, sendo carregado de ideologias para poder existir, sempre que surge está, então, a serviço de alguém ou de uma classe dominante que consegue fazer isso por meio de gêneros discursivos que representam os suportes em que a língua se ancora para poder tornar-se símbolo; e, assim, entrar no imaginário coletivo como real.

Bakhtin (2006) assevera que:

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (BAKHTIN, 2006, p.36)

O signo é carregado de ideologias que coadunam com as premissas de quem quer exercer a dominação, seja no caso de gênero, classe social, político e socioeconômico. No

caso que nos interessa, o signo está a serviço do patriarcado ao exercer sua dominação de subestimar o conhecimento técnico-científico, capacidade física e organizacional de mulheres. Tal discurso é carregado de processos ideológicos de um aparelhamento do *status quo*, que mantém as mulheres presas simbolicamente em discursos de proteção, cuidado e conforto, quando na verdade estão aprisionando sonhos e esperanças.

Se a palavra é eivada de ideologia e não se pode viver sem que ela opere significação, todo o movimento que se volta em torno das práticas sociais estão minados em campos ideológicos de diversos seguimentos, tais como machismo, feminismo, capacitismo e fragilidade. Todos esses signos compõem uma esfera ideológica de dominação masculina, pois o signo é fruto de um processo histórico que pode fazer refletir ou perpetuar determinadas práticas e ideologias, para Bakhtin (2006):

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.* (BAKHTIN, 2006, p.30)

Assim, sendo o signo composto pelo processo ideológico, o viés patriarcal opera por meio de signos de dominação desde sua criação até a contemporaneidade, sendo que, ao longo de décadas, vem sofrendo mutações para se adaptar sutilmente aos novos tempos, sem perder seu poder de dominação, uma vez que, em um tempo remoto, operava de forma abrupta; no atual cenário, diferentemente, utiliza-se de mecanismos modernos e por vezes tecnológicos para inferiorizar o feminino; tais práticas podem ser detectadas como: proteção, segurança e acolhimento, quando o seu objetivo é incapacitar intelectualmente, privar do mercado de trabalho e depreciar o corpo feminino para exercer seu domínio no meio social.

Para Wittgenstein (1979), o jogo de linguagem não é homogêneo, mas vai perdendo sua essência à medida que o tempo e a sociedade vão se modificando, fazendo com que alguns termos e significados sofram mudanças, ou seja, o que antes poderia ser um signo de depreciação, no atual cenário pode ser incorporado como não depreciativo e vice-versa; para o autor alemão, alguns termos perdem seu sentido ao longo dos anos e outros nascem, e assim o jogo se constitui em uma continuidade e descontinuidade de sentidos. Assim, ele assevera que:

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? – Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes de empregos daquilo que

chamamos “signo”, “palavras”, “frases”. Essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos. (Uma imagem aproximada disto pode nos dar as modificações da matemática). O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. (WITTGENSTEIN, 1979, p.35)

Para Bakhtin (2006), o signo é um fragmento material da realidade, pois se modifica, assumindo diferentes significações ao longo do tempo e se materializando de diversas formas, assim:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (BAKHTIN, 2006, p.31)

Nesse processo de materialização do signo, por meio de sua significação, o patriarcado se constituiu, impregnando-se na cultura e na formação da sociedade de classe, e fazendo surgir diversas formas de aprisionamento social. Para Lerner (2019), esse processo está ligado a constituição da sociedade e a operacionalidade do signo no meio social; assim, a autora assevera o que segue:

Dessa forma, a escravidão de mulheres, combinando tanto o racismo quanto o machismo, precedeu a formação de classes e a opressão de classes. As diferenças de classes foram, em seu início, expressas e constituídas em termos de relações patriarcais. A classe não é um construto separado do gênero. Em vez disso, a classe é expressa em termos relacionados ao gênero. (LERNER, 2019, p.262)

Dessa forma, o patriarcado se materializa por meio do signo e da significação que a sociedade e suas transformações vão lhe garantindo ao longo dos anos, fazendo assim sua perpetuação no meio social e nas práticas de linguagem a serviço do machismo.

Portanto, a constituição de um termo em um determinado período de tempo ocorre na medida em que as ideologias da época imperam significações, a exemplo da palavra “rapariga” que é um substantivo feminino do termo “rapaz”, mas que na cultura brasileira exerce uma carga semântica diferente da sua constituição morfológica e de sua original significação, significando uma depreciação do termo, uma palavra de baixo calão sobre a prática sexual de mulheres na sociedade vigente. A ilustração acima, exemplifica o funcionamento do jogo de linguagem operado no tempo e no espaço na vida social e política.

Na próxima seção iremos analisar alguns termos que compõem o *corpus* desta pesquisa, observando a operacionalidade da significação no espaço-temporal voltados ao gênero feminino.

4. “CACHORRA”, “PINHARA” E “BURRA” E OS EFEITOS DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS SOCIAIS

Neste texto, optamos por uma pesquisa documental e de cunho bibliográfico para discursivizar sobre os efeitos de sentidos nos vocábulos escolhidos para construção do *corpus*. Assim, vamos partir das definições feitas pelo filósofo austriaco-britânico Ludwig Wittgenstein (1979) e de sua contribuição analítica sobre os jogos de linguagem para construção de sentidos nas práticas sociais, bem como das incursões sobre os gêneros do discurso, de Mikhail Bakhtin (2006), dentre outros que nos auxiliaram nessa análise.

Partindo da metodologia da pesquisa adotada, optamos por uma pesquisa bibliográfica, por nos dar subsídio para pensar nos efeitos de sentidos construídos no uso da língua na vida cotidiana; para tanto, nosso objetivo, ao analisar esses vocábulos, é apresentar como que, a cada tempo e espaço, esses vocábulos assumem diferentes significados na sua construção lexicográfica enquanto verbetes dicionarizados; e, ainda, como seus modos de funcionamentos, enquanto sentidos denotativos no uso social, colaboram para a perpetuação do patriarcado e da opressão ao corpo feminino. Sobre a pesquisa bibliográfica, Tozoni-Reis (2009) afirma o que segue:

A pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria bibliografia sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar. Vale notar que todas as modalidades de pesquisa exigem uma revisão bibliográfica; uma busca de conhecimentos sobre os fenômenos investigados na bibliografia especializada. Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar, nos autores e obras selecionados, os dados para a produção do conhecimento pretendido. (TOZONI-REIS, 2009, p.25)

Assim, a pesquisa se constituiu de uma revisão bibliográfica de textos e autores que discursaram sobre a construção de vocábulos assumindo diferentes significados a depender de seu emprego no meio social.

Os dicionários escolhidos para construção desse *corpus* foram o “Dicio- dicionário online de português”, que pode ser acessado por meio do endereço eletrônico *dicio.com.br* e o Dicionário informal, acessado por meio do endereço eletrônico *dicionarioinformal.com.br*. A escolha se deu por serem dicionários atualizados e de fácil acesso para todos os que possuem

meios digitais para pesquisas; também porque o uso de dicionários físicos está cada vez mais escasso. Dessa forma, optamos por utilizar ferramentas digitais de fácil acesso e manuseio.

O primeiro vocábulo analisado foi “cachorra”, do qual podemos observar seu significado no recorte da imagem abaixo:



Figura 01

Segundo o Dicio – dicionário online de língua portuguesa, o significado de “cachorra” é sinônimo de “cadela”, um substantivo feminino, feminino de cachorro, que se origina da família de *canis lupus familiaris*, espécie politépica de animal mamíferos, carnívoros, da família dos canídeos. Esse termo se refere ao feminino de “cachorro”, animal domesticado pelo homem, que pode servir para caçar, proteger e fazer companhia nas sociedades modernas.

Também é possível que seja uma espécie de peixe, que segundo o dicionário é “semelhante ao atum”.

No sentido figurado, o mesmo dicionário assevera que “cachorra” significa “mulher desavergonhada ou de mau gênio”, sendo nessa constituição do significado que se baseia a análise desse *corpus*, uma vez que o termo utilizado pode reverberar vários significados a depender de quem diz e de quando é dito. Nesse cenário do dito e quando dito se constitui o que Wittgenstein (1979) alude como “jogo de linguagem”, ou seja, um modo de dizer que opera significação. No sentido obsceno, o termo “cachorra” significa “mulher desavergonhada”,

“despudorada”, “descarada”, “impudica”, que desfruta de maneira intencional e minuciosa de suas práticas sexuais sem pudores morais, demonstrando suas habilidades sensuais.

O dicionário informal, que pode ser livremente acessado em dicionarioinformal.com.br, apresenta uma infinidade de sinônimos para o termo “cachorra”, dos quais trazemos alguns, como “quenga”, “bisca”, “biscate”, “maleta”, “sacola de viagem”, “enganadora”, “fraudulenta”, “golpista”, “errada”, “crápula”, “desleal”, “indigna”, “perigosa”, “traíra”, “leva-e-traz”, “piranha”, “cadela”, “cachorra”, “vagabunda”, “preguiçosa”, “marajá” (dicionarioinformal, 2024). Todos esses sinônimos se referem ao feminino, ou seja, nota-se que há uma infinidade de termos para depreciar mulheres nos mais diversos cenários, nessa construção social do gênero.

Todos esses sinônimos associados ao termo “cachorra” trazem uma significação depreciativa de mulheres com caráter duvidoso, em relação às relações de trabalho e à vida social e privada. Essa construção social dos significados constitui a “família de semelhança”, da qual alude Wittgenstein (1979), ou seja, carregam o mesmo traço morfológico e semântico quando se referem ao tempo e ao espaço em que as significações são construídas em uma sociedade. Sobre a conotação sexual, Monique Wittig (2022) assevera que:

A categoria sexo é o produto de uma sociedade heterossexual que transforma metade da população em seres sexuais, pois sexo é uma categoria fora da qual as mulheres não podem estar. Onde quer que estejam e o que quer que façam (incluindo trabalhar no setor público), elas são vistas (e postas) como sexualmente disponíveis aos homens, e seus seios, suas nádegas e suas vestes devem estar visíveis. Elas tem de exibir sua estrela amarela, seu sorriso constante, noite e dia. (Wittig, 2022, p.38)

No cenário social do mundo do trabalho, o termo “cachorra” pode ser interpretado como “fraudulenta”, “golpista” e “desleal”, dentre outros sinônimos que são atribuídos, em uma sociedade dividida em classes, às mulheres que possuem pouca representação política e social. O mundo do trabalho se torna um setor de risco para o corpo feminino; desde a desqualificação de sua produtividade intelectual aos assédios morais e sexuais, as mulheres têm enfrentando situações de muitos desconfortos e desprestígios sociais. Margareth Rago (2020) assevera que:

Isso significa que lidamos muito mais com a construção masculina da identidade das mulheres trabalhadoras do que com sua própria percepção de sua condição social, sexual e individual. Não é à toa que até recentemente, falar das trabalhadoras urbanas no Brasil significava retratar um mundo de opressão e exploração

demasiada, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem nenhuma possibilidade de resistência. Sem rosto, sem corpo, a operária foi transformada numa figura passiva, sem expressão política nem contorno pessoal. (Rago, 2020, p.579)

Assim, é visível como o corpo feminino tem sido violentado pelo sistema que insiste em reverberar o patriarcado e suas ideologias. Bakhtin (2006) alude que cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. No vocábulo “cachorra”, observa-se a operacionalização depreciativa da ideologia machista e patriarcal sobre os espaços e tempos das mulheres, seja na vida social, política ou econômica.

O segundo vocábulo, “Piranha”, pode ser descrito de acordo com o dicionário na figura abaixo:



Figura 2

Lexicograficamente, o verbete “piranha” reverbera seu sentido denotativo na figura 2, o que remete ao seu sentido dicionarizado e explicativo ao relatar a origem do termo que é uma junção de origem tupi de “pira-” e “-ãia”, substantivo feminino que remete a uma espécie de peixe da bacia amazônica. Trata-se, então, de peixes que andam sempre em bandos e que são extremamente perigosos para presas fáceis, como outros peixes ou seres humanos.

No seu sentido conotativo, o vocábulo “piranha” remete a uma série de significações, a depender da comunidade de falantes que o utiliza; são diversos sinônimos, desde os mais brandos ao mais tenebrosos, tais como: “prostituta” e “meretriz”. Ambos os significados remetem a práticas e a conotações sexuais relacionadas ao gênero feminino na sua

constituição. O termo ainda pode remeter a prendedores de cabelos pelo seu formado de garras para apanhar mexas.

O dicionário informal apresenta uma lista com diferentes definições e palavras que se relacionam como termo; coletamos algumas para apresentar a dimensão do significado desse vocábulo:

1. Piranha

Palavras relacionadas ao vocábulo Piranha:

“puta”, “vadia”, “prostituta”, “sexo”, “peixe caracídeo”, “voracidade”, “carnívoro”, “prostituição”, “putaria”, “safada”, “cabelo”, “prendedor”, “lacinho”, “manipulação”, “xingamento”, “dissimulação”, “cafajeste”, “peixe”, “piranha do amor”, “biscate”, “ofensa” (Informal, 2024).

Vale observar que quase todas as palavras estão relacionadas ao gênero feminino e/ou a atitudes praticadas por mulheres. As mulheres que levam a vida com independência social e financeira, em muitas situações, são vistas pela ideologia patriarcal de maneira depreciativa, recebendo alcunhas negativas, tais como “puta”, “prostituta” e “safada”. Esses adjetivos, na sociedade brasileira, são vistos como xingamentos referidos em quase todas as hipóteses para depreciar mulheres em suas atitudes e modos de viver, além de reverberar o pensamento patriarcal e machista na sociedade de classes.

Ao colocarmos em debate um vocábulo como este, trabalhamos o conceito de que as mulheres que são alcunhadas por determinado vocábulo são zoomorfizadas, ou seja, transformadas em uma espécie animalesca, o que retira delas sua figuratividade humana, para diminuir seu *status* social e moral; assim, são inferiorizadas e consideradas apenas como corpos, produtos para prazer sexual desenfreado, não tendo outra serventia. Isso fica evidente quando se observa que todos os sinônimos remetem a uma descaracterização da mulher e a sua transformação em uma espécie de objeto.

Wittig (2022) afirma que as mulheres não são visíveis enquanto seres sociais, mas apenas sexuais, sendo silenciadas: “apesar de as mulheres serem muito visíveis enquanto seres sexuais, enquanto seres sociais elas são totalmente invisíveis e, nessa condição, devem aparecer o mínimo possível, e sempre com algum tipo de desculpa, se for o caso (Wittig, 2022, p.38). Desse modo, o uso desse vocábulo, empregado nessas situações, soa totalmente depreciativo e ofensivo.

Em relação ao terceiro e último vocábulo escolhido para este corpus, podemos observar na figura abaixo os seus significados.

The image shows a screenshot of the Dicio online dictionary page for the word "burra". At the top, there is a blue header with the Dicio logo and the text "Dicionário Online de Português" and "Buscar no Dicionário". Below the header, the word "burra" is displayed in a large font with a speaker icon. To the right of the word are social media icons for Facebook and WhatsApp. Below the word, there is a checkmark icon and the text "Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro". The main content is titled "Significado de Burra" and lists several meanings: "substantivo feminino", "[Zoologia] Nome comum dado ao mamífero do gênero *Equus asinus*, semelhante ao cavalo, de estatura menor e orelhas bem maiores; jumento.", "[Pejorativo] Pessoa ignorante, estúpida, desprovida de inteligência.", "Caixa usada para transportar ou guardar determinados objetos, principalmente coisas de valor, dinheiro; cofre.", and "Armação usada para prender a madeira no momento em que é serrada.". At the bottom, there is an etymology section: "Etimologia (origem da palavra **burra**). A palavra burra deriva como feminino da palavra burro, do latim "burrichus", que significa cavalo pequeno, cavalinho."

Figura 3

Esse último vocábulo carrega uma carga semântica muito emblemática quando relacionado ao aspecto que estamos vislumbrando, relacionado ao seu sentido conotativo. A palavra “burro” se origina do latim “*burrichus*”, que significa cavalo pequeno, já o substantivo feminino “burra” se refere a uma espécie de mamífero utilizado como transporte de cargas nos trabalhos braçais e em longas distâncias por famílias camponesas.

No que se refere ao sentido conotativo, ele pode remeter a várias significações, como a figura acima assevera: “ignorante”, “estúpida”, “desprovida de inteligência”, dentre outros sentidos; o que, na linha dos vocábulos que estamos analisando, não foge muito da noção de que, empregada no contexto feminino, a alcunha se torna depreciativa e ofensiva.

Em uma sociedade que desprivilegia o trabalho intelectual de mulheres, como a sociedade brasileira, em que mulheres, mesmo com todos os avanços obtidos, estão em cargos menores, ainda que tenham a mesma formação, ganhando muito menos do que os homens, isso só demonstra resquícios de um sistema patriarcal e machista, que só mudará quando a sociedade promover discursos emancipatórios e efetivar ações reparadoras para o enfrentamento de preconceitos já estabelecidos pela dominação masculina.

O vocábulo “burra”, ao ser empregado ao gênero feminino, para além de animalizar as mulheres, acaba condenando-as como seres incultos, desprestigiando a sua intelectualidade e atribuindo-lhes uma espécie de intuição negativa, associada a fofocas e a experimentos domésticos. Historicamente existe uma discriminação educacional em relação às mulheres, uma vez que eram apenas seres que foram programadas para cuidarem do lar e de sua prole,

enquanto o homem seria o provedor que a protegeria e a manteria sob cuidados, negando assim o direito ao conhecimento, à formação para o mundo do trabalho e para vida em sociedade.

Nesse sentido, o conhecimento das mulheres se torna obsoleto em uma sociedade patriarcal, Lerner (2019) coaduna com esse pensamento ao assevera o que segue:

O conhecimento das mulheres torna-se mera “intuição”, a conversa entre mulheres torna-se “fofoca”. As mulheres lidam com o particular irredimível: vivenciam a realidade todos os dias, a cada hora, em sua função de servir (cuidando da comida e da sujeira); em seu tempo, que pode ser interrompido sempre; em sua atenção dividida. Pode alguém generalizar enquanto particular clamar por ela a todo momento? Ele que faz símbolos e explica o mundo, e ela, que cuida de suas necessidades de corpo e mente e dos filhos – a disparidade entre ambos é enorme. (Lerner, 2019, p.275)

Ao desprestigiar as ações e os trabalhos realizados por mulheres na sociedade, reverbera-se atitudes patriarcalista e ideologias de inferiorizar, em relação às mulheres e a suas práticas sociais. Esse processo de inferiorização e desqualificação da mão de obra feminina é um processo que se arrasta desde o início de nossa civilização; no tocante a isso, Rago (2020) assevera que:

Com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como ninho sagrado que abrigava a “rainha do lar” e o “reizinho da família”. Diante do crescimento urbano vertiginoso de muitas cidades brasileiras, com um grande contingente de trabalhadores concentrados nos bairros operários, o mundo público acabou sendo considerado um espaço ameaçador para a moralidade das mulheres e das crianças. (Rago, 2020, p.588)

A mulher no mercado de trabalho representou e representa um risco para a dominação masculina, assim como a mulher que desafia os paradigmas machistas e se torna uma pensadora, uma intelectual, desmistificando o vocábulo “burra” e provando justamente o seu antônimo, que é de inteligência e perspicácia. Lerner (2019, p.279) alude que “as mulheres não podem ser colocadas em espaços vazios de pensamento e em sistemas patriarcais – ao se deslocarem para o centro, elas transformam o sistema”.

Portanto, ser uma mulher culta na sociedade patriarcal e machista é lutar contra o sistema de opressão e segregação, buscando romper as disparidades que existem entre o que faz a dominação masculina e o reconhecimento do trabalho e da competência feminina. Assim, é possível observar como que o signo linguístico operacionaliza em uma determinada

sociedade, seja para valorar ou desqualificar algo ou alguém. No que alude a Wittgenstein (1979), o jogo não é homogêneo ele vai se moldando à medida do tempo e espaço na sociedade, pois, como nos assevera Bakhtin (2006), todo signo é ideológico e não há ideologia sem o signo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância e a urgência de debates, de conferências e de uma ampla legislação que reconheça, valorize e promova mulheres em espaços de poder é que esse artigo tem o dever político e social de levar à baila uma temática que coloque a mulher no centro do debate. Pois, se há muitos avanços para as mulheres nas últimas décadas; seja na política, com mais participação feminina; na vida pública, com mulheres assumindo ministérios, sendo juízas, advogadas, professoras; faltam, ainda, muitos avanços, principalmente quando se fala em remuneração, em reconhecimento intelectual e em valorização de sua produção.

Neste texto, traçamos reflexões sobre como o patriarcado ainda é operante na sociedade por meio de termos que reverberam ódio e desprezo ao gênero feminino, e sobre como as práticas sociais contribuem muito para que o poder e a dominação masculina sejam ainda muito fortes, mesmo com tantos avanços conquistados pelas mulheres. Por conseguinte, nesse texto, buscamos acentuar que a linguagem é heterogênea, funcionando como um organismo vivo que se organiza e se reinventa em cada geração.

O jogo de linguagem, do qual aludiu Wittgenstein(1979), em suas Investigações filosóficas, mostra-se verdadeiramente sincronizado com essa significação, que, nesse texto, foi entendida como um processo cujo significante e significado são produtos desse processo que se constitui a cada época, tempo e espaço à medida que a linguagem se organiza para atender às demandas da sociedade e de seus ordenamentos. De mesma forma, foi possível compreender que cada signo linguístico, de acordo com que postula Bakhtin (2006), carrega consigo uma carga semântica ideológica e que tudo que é ideológico possui um valor semiótico. Portanto, esse texto contribui tanto para a filosofia da linguagem, com a demonstração da operacionalização por meio de termos no tempo e no espaço, quanto para as questões de gênero e de seus desdobramentos, pois seu principal objetivo é demonstrar que, em meio a tantos avanços, ainda existem dispositivos patriarcais que, por meio da linguagem e sem que os percebamos, vão silenciando mulheres e apagando sua presença em espaços de

protagonismo; menosprezando, conseqüentemente, sua capacidade intelectual por meio da objetificação de seus corpos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 25 ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 557 p. v. v. 2.

CONDÉ, Mauro L. **A gramática da história: Wittgenstein, a pragmática da linguagem e o conhecimento histórico**. Intelligere, Revista de História Intelectual nº 6, dez.2018

DICIO, **Dicionário Online de Português**. <https://www.dicio.com.br>. Acessado em 20/09/2024.

DICIONÁRIO INFORMAL: **dicionário online**. <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acessado em 20/09/2024.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

PAULA, Maria Helena de; ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de; REZENDE, Rayne de Mesquita. **Língua, cultura e léxico: confluências entre Lexicografia e Filologia**. Entretexos, Londrina, v. 16, n. 2, p. 7-27, jul./dez. 2016.

RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. IN. História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priori (org); Carla Bassanzy Pinsky (coord. de textos) -10.ed.7.reimpressão. São Paulo: contexto, 2020.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa científica**. Curitiba, PR: IESDE, 2009.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. Trad. Máira Mendes Galvão. 1. Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Trabalho original publicado em 1953).